

O PEREGRINO, O ANDARILHO E A POESIA DE MANOEL DE BARROS

Luciene Lemos de Campos (SED-MS)¹
Rauer Ribeiro Rodrigues (UFMS)²

Resumo: *As figuras do andarilho e do peregrino são constantes na poesia de Manoel de Barros. Este estudo percorre a construção dessas figuras, evidenciando os efeitos de sentido que o poeta constrói com tal evocação. Entendemos haver duplo movimento: a figura marginalizada do andarilho é deificada para, em seguida, surgir paradoxalmente laicizada, embora como peregrino. Desse modo, o poeta ressalta a opção por eleger, como motivo de sua ars poética, o inútil e o descartável, e de elogiar seres miúdos desprezados pela sociedade.*

Palavras-chave: *Manoel de Barros; personagem; poesia brasileira.*

Introdução

Uma das constantes da poesia de Manoel de Barros é a presença de andarilhos, de peregrinos e de outros seres que vagam pelos ermos do Pantanal recriado, pelos becos das cidades portuárias que emulam a Cuiabá natal ou pela Corumbá que o poeta adotou como sua terra. Voltamo-nos, neste estudo, para a figura do peregrino, que, a nosso ver, é laicizado pela poética de Barros. Um primeiro movimento já ocorre com a figura do andarilho tornado peregrino – ou seja, há uma “deificação” do laico que, em seguida, é desmontada. Neste artigo, nos propomos a verificar de que modo a figura evidente e discursivizada do andarilho configura, em Barros, a imagem arquetípica do peregrino, com a transformação da figura despojada do caminhante em símbolo de fortes ressonâncias culturais.

Na obra de Manoel de Barros, o andarilho surge, entre outros momentos, figurado no Bernardo de “No tempo de andarilho” (*Livro de pré-coisas*, 1997), no

¹ Mestre em Estudos Fronteiriços pela UFMS, com a dissertação *A mendiga e o andarilho: a recriação poética de figuras populares nas fronteiras de Manoel de Barros*; especialista em Língua Portuguesa; licenciada em Letras; professora da rede estadual de ensino de Mato Grosso do Sul; atua na formação de leitores; e-mail: lucienelemos10@yahoo.com.br.

² Doutor em Estudos Literários pela UNESP de Araraquara; professor de Literatura Brasileira na UFMS; faz estágio pós-doutoral na UERJ (2011-2013); atua no Mestrado em Letras da UFMS do Câmpus de Três Lagoas; editor-chefe da *Guavira Letras*; coordenador do Grupo de Pesquisa Luiz Vilela- GPLV; e-mail: rauer.rauer@uol.com.br.

Andaleço, do poema “O andarilho” (*Livro sobre nada*, 2000a) e no “um andarilho” (em “O olhar”, de *Poemas Rupestres*, 2004). Estudos acadêmicos e resenhas jornalísticas apontam para a constante evocação do errante, do andarilho, do *flâneur* e de outros tipos peregrinos na poesia de Barros³. O próprio poeta, em entrevista (Barros 2006), trata do tema. Nos poemas, a figura do andarilho enfatiza o despojamento e despersonalização do sujeito, e as personagens emergem do discurso como fonte e origem do poético. Pelo recorte aqui pretendido, pode-se inferir que tal expressividade retórica emana do discurso pela aura de singelo franciscanismo e de desprendimento diante da sociedade de consumo, o que confere certo idealismo à voz lírica que os resgata.

Para delinear este estudo, é imperativo deslindar a função da figura do andarilho na obra de Barros e o modo pelo qual o andarilho, por efeito poético, torna-se peregrino. Assim, indagamos: a) Qual o efeito de sentido que a figura do andarilho inculca na poesia de Barros? b) Esse peregrino, na romaria poética instaurada por Barros, dirige-se a qual santuário? e c) Qual o papel estético que a figura do peregrino desempenha na *ars poetica* de Barros?

O andarilho e o peregrino

Chevalier e Gheerbrant, no *Dicionário de símbolos* (2002), registram:

Peregrino - Símbolo religioso que corresponde à situação do homem sobre a terra, o qual cumpre seu tempo de provações, para alcançar, por ocasião da morte, a Terra Prometida ou o Paraíso perdido. O termo designa o homem que se sente estrangeiro dentro do meio em que vive, onde não faz outra coisa senão buscar a cidade ideal. O símbolo exprime não apenas o caráter transitório de qualquer situação, mas o desprendimento interior, em relação ao presente, e a ligação a fins longínquos e de natureza superior. *Uma alma de peregrino* pode significar também um certo irrealismo, correlativo a um idealismo um tanto sentimental. Pode-se notar, com relação ao símbolo do peregrino, as idéias de expiação, de purificação, assim como homenagem Àquele (Cristo, Maomé, Osíris, Buda) que santificou os locais de peregrinação.

³ Entre outros, enfatizam esse deslocamento os estudos de Campos (2010), Cruz (2009), Grácia-Rodrigues (2006), Béda (2002) e Silva (1998). Ao estudar a poesia de Manoel de Barros, Wânessa Cruz – em sua dissertação de Mestrado – afirma: “São cinco as obras de Manoel de Barros que mais documentam a temática do andarilho, do peregrinante: *Livro de Pré-coisas*, *O guardador de águas*, *Livro sobre nada*, *Poemas rupestres* e *Matéria de poesia*. O poeta, ao destacar a figura do caminhante, da desfigura errante, parece, entretanto, enveredar pelo rumo da alienação desobrigada de compromissos com a sociedade, quando o que se quer revelar na verdade é o caos em que o mundo se encontra. A figura do erradio é uma forma de se chegar às mesmas questões que circunscrevem o humano” (Cruz 2009: 110).

O peregrino ao buscar esses lugares procura identificar-se com Aquele que os torna ilustres. Por outro lado, o peregrino faz as suas viagens não no luxo, mas na pobreza; coisa que responde à idéia de purificação. O bastão ou bordão simboliza ao mesmo tempo a prova de resistência e o despojamento. Todas essas condições preparam para a iluminação e para a revelação divinas, que serão a recompensa no término da viagem. A peregrinação se assemelha aos ritos de iniciação: ela identifica com o mestre escolhido (2002: 709).

Nesse sentido, a figura do andarilho presente na poética de Barros aproxima-se da imagem de São Francisco, pois ambos, além da humildade e da empatia com a natureza, abstêm-se dos valores consagrados pela sociedade e caminham em busca de respostas para aquilo em que acreditam⁴. Barros parece ter a imagem do andarilho como a de mestre, sendo tal mestre-andarilho identificado à trajetória de errâncias do poeta simbolista Rimbaud⁵. Desse modo, o andarilho de Barros constitui-se em metáfora da sabedoria do poeta caminhante, do ser semovente cujo apostolado é desvelar os trajetos que convertam a poesia em ideal de purificação no referente histórico, dominado por valores capitalistas.

A relação andarilho-peregrino parece associar-se a um ato apostólico do poeta: a poesia – e a palavra adâmica orienta na escolha de um caminho que o incita a buscar novas propostas para sua *ars poetica*. Assim, o andarilho-peregrino, conforme enuncia Manoel de Barros, “É homem percorrido de existência” (Barros 1989: 10).

À medida que viaja, que palmilha pelo Pantanal, o andarilho desenraiza conceitos, liberta-se deles, atravessa fronteiras linguísticas, dissolve barreiras entre o ser e o ter, transgride os verbos e as ideias sistematizadas. Trata-se de um ser que vive na fronteira e está na fronteira: seus caminhos tracejam becos e ruas – que remetem, a nosso ver, à Corumbá da infância do poeta; nessa trajetória, convive com migrantes e com outros andarilhos, percorre inexistentes caminhos pantaneiros, nos quais os limites entre a terra e a água são indefiníveis, indecifráveis fronteiras semoventes, e se apresenta com linguajar misto, inusual.

Andarilhos, de modo geral, são seres anônimos, cuja errância os transforma em sujeitos sempre os mesmos, mesmo quando são muitos e diversos. Na poesia de Manoel de Barros, a errância do andarilho implica a descoberta da escritura que acolhe a liberdade de uma poesia que experimenta o inaugural. Nesse caso, a experimentação decorre de uma vivência estética que se solidifica na valoração do ínfimo, naquilo que o olhar também andarilho não despreza.

Na enunciação poética, a voz lírica assim especifica o caminhante: “O andarilho é um antipiqueteiro por vocação. Ninguém o embuçala. Não tem nome nem relógio. Vagabundear é virtude atuante para ele. Nem é idiota programado, como nós. O próprio esmo o erra” (Barros 1985: 47).

⁴ Orlando Antunes Batista (1989: 54-75) trata do franciscanismo na lírica de Barros.

⁵ Afonso de Castro (1991), na tese *A poética de Manoel de Barros*, aponta os ecos de Rimbaud. Por seu lado, Barros (2000b), em entrevista, fala da importância de Rimbaud na sua visão de mundo.

O andarilho, nesse poema, remete ao errante que tem consciência das coisas que rejeita e do próprio “andar atoamente” (Barros 2000a: 85). Ou, ainda, representa a recusa do eu-lírico em viver delimitado apenas pelo que é convencionalizado, pois “não tem nome nem relógio” e se faz pela negação do ter e do fazer: “Enquanto as águas não descem e as estradas não se mostram, Bernardo trabalha pela bóia. Claro que resmungo. Está com raiva de quem inventou a enxada. E vai assustando o mato como um feiticeiro” (Barros 1985: 48).

A rejeição se dá no que se refere ao enraizamento, por isso “vai assustando o mato como um feiticeiro”. Não quer a linguagem do outro, o caminho do outro, quer descobrir o próprio caminho, falar com a própria voz. Por isso, “remói caminhos e descaminhos”. E o poeta prossegue: “Os hippies o imitam por todo o mundo. Não faz entretanto brasão de seu pioneirismo. Isso de entortar pente no cabelo intratável ele pratica de velho. A adesão pura à natureza e a inocência nasceram com ele. Sabe plantas e peixes mais que os santos” (Barros 1985: 48).

A peregrinação será árdua, com privações e reflexões a cada passo, a cada olhar desajustado em relação ao espaço onde anda atoamente, pois, mesmo o ócio, fundamento de sua reflexão, necessita justificativa. Assim, em “O andarilho”, de *Livro sobre nada*, Manoel de Barros acrescenta uma nota de rodapé, do lado esquerdo do poema – a qual parece homologar este raciocínio –, incorporando novos elementos à figura do caminhante:

Penso que devemos conhecer algumas poucas cousas sobre a fisiologia dos andarilhos. Avaliar até onde o isolamento tem o poder de influir sobre seus gestos, sobre a abertura de sua voz, etc. Estudar talvez a relação desse homem com as suas árvores, com as suas chuvas, com as suas pedras. Saber mais ou menos quanto tempo o andarilho pode permanecer em suas condições humanas, antes de se adquirir do chão a modo de um sapo. Antes de se unir às vergôntes como os parasitas. Antes de revestir uma pedra à maneira do limo. Antes mesmo de ser apropriado por relentos como os lagartos. Saber com exatidão quando que um modelo de pássaro se ajustará à sua voz. Saber o momento em que esse homem poderá sofrer de prenúncios. Saber enfim qual o momento em que esse homem começa a adivinhar (Barros 2000a: 84).

O errante consciente rejeita o estabelecido. Procura novos caminhos e a própria voz. A garantia de existência irmana-se, panteísta, com a natureza, integra-se a ela e dela recebe – como o Atlas da mitologia recebe sua força da Terra – a seiva do próprio ser, os prenúncios de que foi tocado por algo que o transcende.

Esse algo é poesia, assim delimitada:

Poesia, s.f.
Raiz de água larga no rosto da noite
Produto de uma pessoa inclinada a antro

Espécie de réstia espantada que sai pelas frinchas de um homem.

Designa também a armação de objetos lúdicos com emprego de palavras imagens cores sons etc. geralmente feitos por crianças pessoas esquisitas loucos e bêbados. (Barros 1980: 43).

A partir da definição do que é poesia, o eu-lírico enuncia personagem ficcional que estava pressuposta, a do poeta:

Poeta, s.m. e f.
Indivíduo que enxerga semente germinar e engole céu
Espécie de um vazadouro para contradições
Sabiá com trevas
Sujeito inviável: aberto aos desentendimentos como um rosto. (Barros 1980: 45).

Explicitamos, no próximo tópico, de que modo o caminhante se torna andarilho, o andarilho se torna peregrino e o peregrino se torna poeta.

O poeta-andarilho

Adivinhar, descobrir, divinizar a poesia, assim o poeta-andarilho se constrói, se define, forja sua identidade. Ao se por no mundo como andarilho e como poeta, parece receber uma missão. Sua trajetória harmoniza-se com a mendicância, a loucura e a volubilidade do vento:

Eu já disse quem sou Ele.
Meu desnome é Andaleço,
Andando devagar eu atraso o final do dia.
Caminho por beiras de rios conchosos.
Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.
Carrego latas furadas, pregos, papéis usados.
(Ouço harpejos de mim nas latas tortas.)
Não tenho pretensões de conquistar a ingloria perfeita.
Os loucos me interpretam.
A minha direção é a pessoa do vento. (Barros 2000a: 85).

Franciscano no despojamento e irmanado à natureza, o andarilho, na obra de Barros, tem a propriedade de se desprender dos valores consumistas e da rotina produtivista do capitalismo (cf. Barros 1985: 47, citado), em versos amplificados em *Livro sobre nada*:

Meus rumos não têm termômetro.
De tarde arborizo pássaros.
De noite os sapos me pulam.
Não tenho carne de água.
Eu pertencço de andar atoamente.
Não tive estudamento de tomos.
Só conheço as ciências que analfabetam. (Barros 2000a: 85).

Nota-se que, além do vagabundear que não “é idiota” e da inteligência de só conhecer “ciências que analfabetam”, a busca da poesia, pelo andarilho, assemelha-se à busca do Graal. Como se fosse um ser privilegiado por não ter assimilado “estudamento de tomos”, é puro, virgem dos conceitos pré-estabelecidos. Desse modo, o andarilho torna-se poeta e, como poeta, se torna apto para sua grande missão: desvelar – na fonte das coisas – o seu Graal, a poesia.

O andarilho tornado poeta absorve a natureza e com ela estabelece diálogo vital, de trajetória órfica recriada em imagens surreais:

XII

Ele tem pertinências para árvore.
O pé vai se alargando, via de calangos, até ser
raizame. Esse ente fala com águas.
É rengo de voz e pernas.
Se esconde atrás das palavras como um perro.
Formigas se mantimentam nas nódoas de seu casaco.
De um turvo cheiro órfico os caracóis o escurecem.
Um Livro o ensinou a não ser nada – agora já sabe.
Estrela encosta quase em sua boca descalça. (Barros 1989: 24).

Se, por um lado, a caminhada está para a descoberta da palavra primeva⁶, a movimentação do poeta-andarilho não se dá de modo autômato, pois ele refaz caminhos, a fim de revelar a poesia como necessidade da vida, necessidade espiritual de beleza, isenta do protocolar e do solene superficial; a poesia ilimitada, “sem suspensórios”. Por isso, o poeta-andarilho “se esconde atrás das palavras como um perro”.

Na romaria poética, instaurada por Barros, o andarilho é aquele que realiza o eterno anseio do poeta: consagrar a poesia como uma reação ao exagero da mentalidade consumista desenvolvido na sociedade capitalista de horários

⁶ A nosso ver, “primeva” exemplifica a relação do poeta com a palavra e com o fazer poético. Dessa maneira, usamo-la como expressão de fonte criadora que busca a poesia “inaugural”, sem suspensórios, sem colarinho, sem paramentos, sem formalidades, livre, virgem das teorias e coisas programadas do mundo. O enunciador barriano busca a palavra e almeja “escová-la” até que ela atinja estado bruto e elementar – para empregarmos outra expressão barriana –, chegando ao “áspero” dela.

programados e atitudes regradas⁷. O caminho para descobrir a palavra poética é um só: a escolha de um trajeto para a liberdade de criar, sem se prender a paradigmas, pois está cômico de que pertence a uma estirpe que tem o dever sagrado de espalhar poesia pelo mundo. Cremos que é tendo isso em vista que Igor Rossoni afirma: “o compor e o leve decompor [...] pelo sopro/olhar/aceno do poeta. O lançar-se ao encontro dele com a vestimenta mais salutar da poesia: a sutileza da palavra e a imagem de todos os poetas que latejam no coração-de-nuvem de Maiakovski. Simplesmente poeta” (Rossoni 2007: 26). De modo que, filiada a uma tradição de autores libertários, a poética de Manoel de Barros tem especificidade, em movimento de contrição e de despojamento. O andarilho-poeta converte o fazer poético em ato quase apostólico de comedimento e de conhecimento empírico da simplicidade, de se reconhecer no outro: “Eu já disse quem sou Ele” (Barros 2000a: 85). Ou seja, o poeta coloca-se como aquele que, ao construir uma poesia nova e inaugural, dialoga com outros, sem deixar de evidenciar experiências estéticas vivenciadas por si mesmo.

Conforme anotado, segue a Rimbaud, que abolira fronteiras e buscara a liberdade da poesia, do poeta e do leitor. Talvez por isso, os verbos referentes ao andarilho estejam, em “O olhar”, no pretérito imperfeito:

Ele era um andarilho.
Ele tinha um olhar cheio de sol
de águas
de árvores
de aves.
Ao passar pela Aldeia
Ele sempre me pareceu a liberdade em trapos.
O silêncio honrava a sua vida. (Barros 2004: 75).

Com “a liberdade em trapos”, qual é a inquietação desse andarilho, caminhante rimbaudiano?

Ao que parece, busca — nos ecos do silêncio — “[a]valiar até onde o isolamento tem o poder de influir [...] sobre a abertura de sua voz” (Barros 2000a: 84), conforme anotou na mencionada nota de rodapé do poema “O andarilho”, de *Livro sobre nada*. O andarilho tornado poeta erra em apagada existência na busca de palavras:

IV

Alfama é uma palavra escura e de olhos baixos.
Ela pode ser o germe de uma apagada existência.
Só trolhas e andarilhos poderão achá-la.
Palavras têm espessuras várias: vou-lhes ao nu, ao
fóssil, ao ouro que trazem da boca do chão.

7 Como visto, Barros elogia o vagabundear e elogia aqueles que, livres do relógio, não são idiotas programados “como nós” (Barros 1985: 47).

Andei nas pedras negras de Alfama.
Errante e preso por uma fonte recôndita.
Sob aqueles sobrados sujos vi os arcanos em flor. (Barros 1989: 60).

Vemos que o poeta-andarilho, em romaria poética, tem por santuário a palavra, “arcanos em flor”, e que a palavra nasce da solidão peregrina, de modo que pode deixar o eu-lírico mais próximo de Rimbaud, seu mestre. Ao transpor fronteiras, interrogar certezas, desenraizar conceitos, tornar-se a “liberdade em trapos”, desprender-se do consumismo, despojar-se de superfluidades, integrar-se à natureza, analfabetar-se, “sofrer de prenúncios”, o andarilho caminhante congrega em si o próprio esmo que erra. O andarilho torna-se poeta ao tocar o transcendente que nasce de si, ao chegar a momento no qual “começa a adivinhar” (Barros 2000: 84)⁸.

Ao percorrer errante trajetória e desvelar o que é o mundo, o andarilho se torna poeta detentor das chaves da Terra Prometida. Tendo passado por provações, estrangeiro em trânsito pela fronteira, ser em eterna disponibilidade e transitoriedade, idealista em busca da Cidade ideal, puro em expiação franciscana, iluminado pela revelação poética, o poeta-andarilho é um peregrino, conforme o conceito de Chevalier e Gheerbrant (2002).

O poeta-peregrino, portador da Boa Nova contida na palavra poética que transpõe fronteiras e interroga certezas, se expressa em um mundo concreto ao qual panteisticamente se integra. É “limo de pedra” (Barros 2000: 84), é “adesão pura à natureza” (Barros 1985: 48), é “olhar cheio de sol” (Barros 2004: 75). A transcendência emerge da natureza, das pedras, do limo, do sol, com o que temos um poeta-peregrino cujo fazer poético deixa o transcendente⁹ e laiciza-se, pois se torna coisa entre coisas. Peregrino, porém laico, o poeta busca no embate com as palavras a transcendência que o andarilho encontra na divinização revelada do natural transfigurado: no verso “[d]e tarde arborizo pássaros” (Barros 2000: 85), o eu-lírico, magicamente, como um demiurgo, transforma ave em vegetal, transfigurando, pela palavra, o real da natureza em metafórico signo linguístico.

No âmbito da linguagem, isso se faz – de modo predominante, na singular voz de Barros – pela busca da palavra adâmica, aquela que é *primeva*, que é a mais pura, a palavra em sua “fonte recôndita” (Barros 1989). A peregrinação orienta o poeta, purifica-o a fim de revelar a palavra *fontana*. Se no princípio era o verbo¹⁰, a

⁸ Não custa lembrar que Alfama é bairro antigo de Lisboa, no qual se perpetua o fado em sobrados e no calçamento de pedras negras. A lembrança do poeta evoca Alfama, Lisboa, Portugal, com o que evoca o próprio idioma e a língua portuguesa.

⁹ Em seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado*, de 1937, Barros já fizera tal movimento: “Nhanhá está aborrecida com o neto que foi estudar/ no Rio/ e voltou de ateu/ – Se é pra disaprender, não precisa mais estudar” (Barros 2005: 31).

¹⁰ Em *O livro das ignorâncias*, Barros anota: “No descomeço era o verbo./ Só depois é que veio o delírio do verbo./ [...] / Em poesia que é voz de poeta, que é a voz/ de fazer nascimentos – / O verbo tem que pegar delírio” (Barros 2001a: 17). Rossoni (2007: 134) comenta que o verbo em delírio “está no início”, de modo que “é princípio”, “condição de palavra que ainda não é palavra”, para propor

luz se faz com a palavra primeira, encontrada ao fim de uma busca regressiva à causa primeira – a palavra *fontana*, assim considerada, sugere-se como o próprio encontro com Deus. Por isso, o peregrino-poeta está cômico, depois da caminhada, de que pertence a uma estirpe que tem o dever sagrado de silenciar-espalhar poesia pelo mundo, como vimos no poema “O olhar” (Barros 2004: 75). A tal mister o poeta acresce a seguinte reflexão:

Quanto às funções da poesia... Creio que a principal é a de promover o arejamento das palavras, inventando para elas novos relacionamentos, para que os idiomas não morram a morte por fórmulas, por lugares comuns. Os governos mais sábios deveriam contratar os poetas para esse trabalho de restituir a virgindade a certas palavras ou expressões, que estão morrendo cariadas, corroídas pelo uso em clichês. *Só os poetas podem salvar o idioma da esclerose*. Além disso a poesia tem a função de pregar a prática da infância entre os homens. A prática do desnecessário e da cambalhota, desenvolvendo em cada um de nós o senso do lúdico. *Se a poesia desaparecesse do mundo, os homens se transformariam em monstros, máquinas, robôs* (Barros 1996: 310-311, grifos nossos; entrevista a José Otávio Guizzo, publicada originalmente na Revista *Grifo*, de Campo Grande, [1970?]).

A peregrinação do poeta-andarilho orienta-o, purifica-o a fim de revelar – ou desvelar – a palavra *fontana*, original, primeva, ápice da busca, destino da errância do caminhante peregrino. Buscar a poesia é peregrinar pelas palavras em humano desatino, é andarilhar franciscano dissolvendo-se na natureza, é eliminar fronteiras entre o eu e a alteridade, é desprender-se, despersonalizar-se, para enfim emergir poeta.

O enunciador elege, como matéria de poesia, andarilhos, caminhantes sem rumo, erráticos, peregrinos, migrantes, loucos mansos que perambulam a esmo, em processo no qual se nota concepção subjetiva que dá voz a um ser que consagra o ínfimo¹¹. Desse modo, vai do mundo natural à transcendência e desta ao laico. Nesse movimento, o eu-lírico – embora inventado, produto de fingimento poético similar ao proposto por Fernando Pessoa¹² –, despersonaliza-se e se integra às personagens e ao espaço ficcional em que transitam despossuídos de toda espécie.

Da obra *O fazedor de amanhecer* (2001), os versos seguintes elucidam o final do processo:

questões: “Quem maneja quem? Quem destina quem? O que de quem? Será mesmo quê?!” (Rossoni 2007: 138). Vemos, na citação de Barros, que o poeta se integra à natureza, e que o eu-lírico transita da poesia para a deificação, em “voz/ de fazer nascimentos”.

¹¹ São muitos os estudos que enfatizam tal aspecto na obra de Barros, tais como Batista (1989), Castro (1991), Grácia Rodrigues (2006) e Campos (2010).

¹² No poema “Autopsicografia”: “O poeta é um fingidor./ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente” (Pessoa 1974: 40).

[...]
Andarilho também.
Não posso ver a palavra andarilho que
eu não tenha vontade de dormir debaixo
de uma árvore.
Que eu tenha vontade de olhar com
espanto, de novo, aquele homem do saco
a passar como um rei de andrajos nos
arruados de minha aldeia.
E tem mais uma: as andorinhas,
pelo que sei, consideram os andarilhos
como árvore. (Barros 2001: 35-37).

Dos poemas citados, vemos que o andarilho, um despossuído, “rei de andrajos”, torna-se peregrino, pois se reveste da missão de ir à palavra primeva. Assim, ao peregrinar, torna-se poeta. Como poeta, enuncia a descoberta de mundo adâmico, retratado com palavras que deliram na busca de seu significado original, fontano. Os caminhantes – sejam o andarilho, o peregrino ou o poeta – parecem percorrer caminho cíclico de eterno retorno, o que é emulado pela linguagem que se repete quanto aos temas, aos *topoi* e às personagens invocadas.

Em entrevista a Cláudia Trimarco, Barros afirma: “O andarilho é um ser errático – igual a poesia” (Barros 2006). Logo, na romaria poética, o peregrino está para o poeta assim como a poesia está para a sua consagração – e o possessivo “sua” implica em proposital ambiguidade, pois que a consagração é tríplice: do peregrino, do poeta e da poesia.

Conclusão

O peregrino, em Manoel de Barros, realiza o eterno anseio do poeta, para o qual a poesia será magno santuário terreal e nenhuma fronteira ou divisa haverá para ele. O poeta, na busca de reconstruir o Paraíso que a humanidade perdeu, invoca tais imagens e figuras pela força da rememoração, como consta em “Remexo com um pedacinho de arame nas minhas memórias fósseis” (Barros 1998: 47).

A figura do andarilho, na poética de Barros, revela a poesia e é, ao mesmo tempo, – nos arruados da “aldeia” do poeta –, a figura popular do “homem do saco”, personagem das narrativas orais de um espaço geográfico definido¹³. As referências à figura do andarilho são, pois, contínuas e insistentes na poesia barriana, e aludem a um passado coletivo das semoventes fronteiras pantaneiras, invoca aos que ficaram à margem, rememora vozes que não puderam se expor.

Nos “achadouros do poético” (Barros 2003: XIV), a figura do andarilho tem certa peculiaridade, não apenas pelo espaço onde se movimenta ou pelas

¹³ Conforme Campos (2010).

preocupações que o poeta manifesta como homem e artista. A errância remete à eterna busca humana da felicidade que só parece possível se o homem se iguala ao ínfimo e àquilo que a sociedade de consumo considera sem valor – ou, nas palavras do poeta, “Tudo aquilo que a nossa/ civilização rejeita, pisa e mijá em cima,/ serve para poesia” (Barros 2001b: 13).

Em síntese, vimos Andaleço, Bernardo e um andarilho não nomeado. Errante, franciscano, *flâneur* que é espécime oposta ao *flâneur* moderno, baudelairiano, dele evolva poesia, da qual emerge a arquetípica imagem do peregrino, que é ao mesmo tempo poeticizado e laicizado. Esse poeta-andarilho-peregrino realça, na poesia de Manoel de Barros, o elogio do inútil, do descartável, do miúdo desprezado pela sociedade de consumo, gerando no poema a busca da palavra *fontana*, verbo primeiro, a poesia tornada força geratriz do mundo.

THE PILGRIM, THE WANDERER AND THE POETRY IN MANOEL DE BARROS

Abstract: The figures of the wanderer and of the pilgrim are constant in the poetry of Manoel de Barros. This study covers the construction of these figures, evidencing the sense effects that the poet builds with that evocation. We understand there to be a double movement, whereby the wanderer's marginalized figure is deified and, soon afterwards, it appears, paradoxically laicized, as a pilgrim. This way, the poet emphasizes the option to elect, as reason of his poetic art, the useless and the disposable, and of praising small beings despised by the society.

Keywords: Manoel de Barros; fiction character; Brazilian poetry.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *O guardador de águas*. Rio de Janeiro: Record, 1989. 71 p.

_____. *Gramática expositiva do chão (Poesia quase toda)*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. 343 p.

_____. *Livro de Pré-Coisas: roteiro para uma excursão poética no Pantanal*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. 94 p.

_____. *Livro sobre nada*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000a. 85 p.

_____. O tema da minha poesia sou eu mesmo. *Jornal do Brasil*, caderno Idéias, 2000b. Entrevista a André Luís Barros. Disponível em:

<<http://www.screl.com.br/jpoesia/barros04.html>>, acesso em: 05 maio 2008.

- _____. *O livro das ignoranças*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001a. 104 p.
- _____. *Matéria de poesia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001b. 69 p.
- _____. *Memórias Inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003. XVI poemas.
- _____. *Poemas rupestres*. Rio de Janeiro: Record, 2004. 75 p.
- _____. *Poemas concebidos sem pecado*. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. 78 p.
- _____. Manoel de Barros se considera um songo, parte II. *Overmundo*, 2006 (Postado em 11 dez. 2006). Entrevista a Cláudia Trimarco. Disponível em: <http://http://www.overmundo.com.br/overblog/manoel-de-barros-se-considera-um-songo-parte-ii>>, acesso em: 10 maio 2008.
- BATISTA, Orlando Antunes. *Lodo e Ludo em Manoel de Barros*. Rio de Janeiro: Presença, 1989. 110 p.
- BÉDA, Walquíria Gonçalves. Traços autobiográficos em Manoel de Barros – A construção poética de si mesmo. In: SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto (Org). *Nas trilhas de Barros*. Campo Grande: UFMS, 2009, pp. 117-133.
- CAMPOS, Luciene Lemos de. *A mendiga e o andarilho: a recriação poética de figuras populares nas fronteiras de Manoel de Barros* (Dissertação – Mestrado, Estudos Fronteiriços). Corumbá, MS: CPAN/UFMS, 2010. 154 f.
- CASTRO, Afonso. *A poética de Manoel de Barros* (Dissertação – Mestrado em Literatura). Brasília: UnB, 1991. 192p.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva e outros. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. 996 p.
- CRUZ, Wânessa Cristina Vieira. *Iluminuras: imaginação criadora na obra de Manoel de Barros* (Dissertação – Mestrado em Estudos Literários). Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. 136 fls. Disponível em: http://www.biblioetecadigital.ufmg.br/dspace/.../iluminuras_wanessa_cruz.pdf>, acesso em: 28 fev. de 2010.
- GRÁCIA-RODRIGUES, Kelcilene. *De corixos e de veredas: a alegada similitude entre as poéticas de Manoel de Barros e de Guimarães Rosa* (Tese – Doutorado, Estudos Literários). Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 2006. 312 f.
- PESSOA, Fernando. *Poesia*. Org. Adolfo Casais Monteiro. 6 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1974. 125 p. (Nossos Clássicos, 1).

ROSSONI, Igor. *Fotogramas do imaginário: Manoel de Barros*. Salvador: Vento Leste, 2007. 173 p.

SILVA, Kelcilene Grácia da. *A poética de Manoel de Barros: um jeito de olhar o mundo* (Dissertação - Mestrado em Letras). Assis: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 1998. 243 f.

ARTIGO RECEBIDO EM 19/08/2012 E APROVADO EM 23/09/2012.